

REVISTA



Março/Abril 2019
20ª edição

inovar

ENSINO POR INVESTIGAÇÃO E CULTURA CIENTÍFICA ESCOLAR

Artigo: Rogério Melo de Sena Costa



ARTIGO
Roda de conversa
Michelle Ambrózio da Cunha



ARTIGO
Gestão das emoções como parte
do processo de formação
Gilson Cardoso

EXPERIÊNCIA
Relações internacionais
Míliam Conrado Golino

OPINIÃO - História: passado, futuro e presente
Professor Esp. Gilberto Guedes da Silva Junior

ÍNDICE



 artigo

Gestão das emoções como parte do processo de formação

Gilson Cardoso



 experiência

Relações internacionais

Miriam Conrado Golino



 artigo

Roda de conversa

Michelle Ambrózio da Cunha



 artigo

Brincar é assunto sério

Prof. Ms. Camilo Bueno

21

 artigo

Ensino por investigação e cultura científica escolar

Rogério Melo de Sena Costa

28

 opinião

História: passado, futuro e presente

Professor Esp. Gilberto Guedes da Silva Junior

32

 coluna

Quase 200 anos dedicados à missão de educar

Ir. Felipe Paiva, SC

editorial



IR. ELTON LOPES
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

Educação inspirada e inspiradora

Missão pautada em múltiplas relações de confiança

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design Gráfico e editoração: Thiago Almeida
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Profa. Fernanda Peres Antonio Estork
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crestorei.com.br

Diretor Geral: Ir. Elton Lopes
Diretor Administrativo: Ir. José Roberto de Carvalho
Diretora Pedagógica: Verediana de Rossi Ferreira da Cunha

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Sabrina Sacoman Campos Alves, Eliane de Rossi Marconato, Regina Cristiane N. Campos Peres, Gilson José Amancio, Viviane Cássia Teixeira Reis, Lourival F. da Cunha e Luiz Célio de Oliveira.
Internacional: Midiam Golino
Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Lucirene Catini Lanzi
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva
Juventude Cristo Rei: Jaqueline Santana Alves
Impressão: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Ir. José Roberto de Carvalho

COLÉGIO CRISTO REI

Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399
www.crestorei.com.br / colegio@crestorei.com.br

O Colégio Cristo Rei possui uma bela história. No ano passado, tivemos a honra de comemorar 60 anos dessa trajetória que fez e continua fazendo a diferença na vida de muitas pessoas. Porém, se pensarmos bem, a história do Colégio Cristo Rei é muito maior e começou bem antes da sua fundação. A semente da qual germinou nossa escola foi plantada há quase dois séculos, quando o Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração foi fundado.

Foi em 1821, na França, quando o Pe. André Coindre atendeu ao chamado de Deus para acolher crianças e adolescentes e dar a eles uma boa formação, que deu-se a gênese de nossa instituição de ensino.

O carisma e os princípios que motivaram os primeiros Irmãos continuam vivos até hoje em nossa prática cotidiana. Muitos exemplos podem ser vistos nas páginas dessa revista. Experiências, atividades, projetos, práticas pedagógicas que demonstram a paixão, o comprometimento e a competência de nossos educadores e, principalmente, que evidenciam a comunhão com o ideal de transformar vidas e ajudar a construir uma sociedade mais humana, justa e fraterna.

A caminho do Bicentenário de nosso Instituto, aproveito para refletir sobre um dos principais legados deixados por nosso fundador: a pedagogia da confiança, ou seja, a importância do sentimento de convicção e parceria nos processos de ensino e de aprendizagem. Confiança que perpassa por todos os membros da comunidade escolar. Professores que acreditam no potencial de seus alunos. Pais que dão credibilidade ao trabalho desenvolvido pela escola. Gestores que têm a convicção de que cada colaborador fará sempre o seu melhor. Essas crenças somadas à fé em Deus fazem com que nossa escola vá além da formação acadêmica, primando pela formação integral de cada criança, adolescente e jovem.

Algumas ações práticas que refletem essa missão podem ser vistas aqui na Revista INOVAR. Ao percorrer os textos a seguir, você verá que, independentemente de quem seja o autor e de qual seja o tema, o propósito por trás de cada estudo e de cada fato se assemelha e se converte em direção à felicidade e à realização de nossos educandos.

Aproveite a leitura!

artigo



Gestão das emoções como parte do processo de formação

O papel da família e da escola para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais

Podemos observar que cada vez mais necessitamos desenvolver as habilidades socioemocionais para que possamos lidar com as situações estressantes do cotidiano, além de conquistar melhor desempenho acadêmico e profissional. Pesquisas realizadas apontam que a maioria das demissões que ocorrem no mundo corporativo não acontece pela falta de conhecimento técnico, mas pela incapacidade de lidar com as próprias emoções e com as emoções do outro, o que gera conflitos e dificuldades nos relacionamentos interpessoais.

Desde a década de 90, o termo Aprendizagem Socioemocional vem sendo utilizado para denominar o processo de aquisição de habilidades que auxiliam, segundo Tacla (et. al), a pessoa a lidar consigo mesma, relacionar-se com os outros e a executar tarefas (estudar, trabalhar, etc.) de maneira competente e ética. A autora destaca que essas competências referem-se a pensamentos, sentimentos e comportamentos e podem ser agrupadas em cinco aspectos centrais: autoconhecimento, consciência social, tomada de decisão responsável, habilidade de relacionamento e autocontrole.

Para Tacla (2014) as crianças já dispõem de habilidades socioemocionais desenvolvidas em maior ou menor grau. Ao chegarem na escola, os professores tornam-se aliados dos pais na tarefa de promoverem o desenvolvimento dessas habilidades. Tal compromisso, permite que a Educação Emocional seja compreendida como um processo de construção permanente que se inicia no seio familiar, passa pela escola e continua por toda a vida.



Em todo esse processo, família e escola desempenham papéis fundamentais. A primeira pela responsabilidade de servir como base para todo o desenvolvimento da criança. Afinal, é no seio familiar que a criança adquire o conhecimento de si mesma, de seu papel, bem como entra em contato com os valores que norteiam toda a dinâmica familiar. Já a escola, tem a oportunidade de favorecer, por meio das relações estabelecidas, inúmeras experiências sociais, onde valores e crenças são compartilhados promovendo espaço para diálogos e novas aprendizagens que promovem o convívio com a diversidade numa perspectiva saudável.



artigo

“Afinal, é no seio familiar que a criança adquire o conhecimento de si mesma, de seu papel, bem como entra em contato com os valores que norteiam toda a dinâmica familiar.”

Tais experiências possibilitam que o indivíduo estruture satisfatoriamente suas habilidades Socioemocionais de maneira que desenvolva maior senso de responsabilidade por suas escolhas, além de uma vida mais integrada e com melhor qualidade.

O Instituto Ayrton Senna assumiu o compromisso de inspirar políticas educacionais e práticas de ensino articuladas com o desafio da educação para o século 21. Sua atuação acontece por meio da conexão entre as produções acadêmicas e a prática dos educadores, da busca de parcerias entre os setores visando ao protagonismo do aluno e do educador e, da disseminação de práticas educacionais eficazes. Nesse sentido, compreendendo a demanda e os inúmeros desafios que a vida exigirá dos estudantes de hoje, tanto nos aspectos interpessoais e pessoais quanto produtivos, cabe uma reflexão envolvendo diversos atores (governos, organizações, entre outros

setores), sobre o que constitui uma educação de qualidade na contemporaneidade. A finalidade dessas ações compartilhadas é garantir aos estudantes o seu desenvolvimento pleno, compreendendo o termo "Educação Integral" na perspectiva da formação em todas as dimensões do ser humano.

Para o Instituto, todas as atividades educacionais desenvolvem as competências socioemocionais, porém, é preciso que os quatro pilares traçados pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século 21 para a UNESCO estejam assegurados nessas ações, ou seja, é fundamental que o aluno seja colocado no centro do processo, desenvolvendo estratégias onde ele possa aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer. E, para isso, toda a atuação precisa ser realizada de maneira intencional e clara tanto para o professor, quanto para o aluno.

A proposta de uma educação integral, que vai além do acúmulo de conteúdo, está referenciada em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), aprovada em dezembro de 2017, que traz em seu texto o compromisso com a educação integral destacando a importância do desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à aprendizagem de conceitos e valores, com a finalidade de suprir as "demandas da vida cotidiana, o pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho".





artigo

A Tutoria no Colégio Cristo Rei

Autoconhecimento e olhar para o coletivo

A proposta de trabalho apresentada nos documentos acima citados, há muito, vem sendo discutida e implementada no Colégio Cristo Rei. No ano de 2015 o Projeto Tutoria foi implantado no Ensino Fundamental II com a finalidade de promover um espaço semanal onde os alunos tivessem a oportunidade, por meio de dinâmicas, de falarem de si e discutirem temas coletivos relacionados à convivência.

Os encontros do projeto sempre foram pensados e organizados de maneira a favorecer o desenvolvimento das habilidades socioemocionais como o autoconhecimento, a empatia e a capacidade de resolução de conflitos, sempre numa perspectiva coletiva e de situações reais vivenciadas no cotidiano de nossos alunos.

A efetividade das ações e do trabalho desenvolvido nos últimos anos possibilitou que em 2019 o Projeto Tutoria direcionasse ainda mais o seu foco por meio da parceria com a Escola da Inteligência, programa desenvolvido pela equipe do Dr. Augusto Cury, que tem a finalidade de promover o desenvolvimento socioemocional em ambiente escolar com o uso de metodologia específica, baseada na Teoria da Inteligência Multifocal elaborada pelo autor.



“Os encontros do projeto sempre foram pensados e organizados de maneira a favorecer o desenvolvimento das habilidades socioemocionais.”

O programa envolve professores, alunos e familiares de maneira a promover maior qualidade de vida e bem-estar psíquico a todos os envolvidos. Visando por meio de ações à melhoria das relações interpessoais, à maior participação das famílias na formação integral dos alunos, assim como a diminuição dos casos de indisciplina, além de educar as emoções e aprimorar os índices de aprendizagem.

Tudo isso, a médio e longo prazo, efetivará as propostas estabelecidas no Relatório de Jacques Delors, que foi organizado pela UNESCO e norteia ações de diversos segmentos que assumiram o compromisso de oferecer uma Educação Integral na perspectiva da Educação para o Século 21. Compreendendo, de uma vez por todas, que a educação dos tempos atuais não pode ser pensada apenas como sucesso acadêmico e profissional, faz-se necessária uma atuação que prepare os alunos a desenvolver atitudes que resultem em um futuro melhor para si e para o mundo. E, esse objetivo não será alcançado se não houver o compromisso de todos pela educação.



artigo

Educação socioemocional: como trabalhar em casa?

O gerenciamento de nossas emoções e relacionamentos é um aprendizado que começa desde cedo. Por essa razão, ter acesso a uma educação socioemocional é de extrema importância!

Habilidades comportamentais como autocontrole, resiliência e empatia não são inatas, o que significa que elas podem ser adquiridas e desenvolvidas ao longo da vida. Além disso, representam algumas competências individuais necessárias — ou melhor, indispensáveis — para a construção de uma sociedade mais justa, composta por seres autoconfiantes e emocionalmente sustentáveis. A educação socioemocional é muito importante em todos os aspectos da vida.

Outra vantagem desse processo de "alfabetização socioemocional" é que ele favorece o desenvolvimento intelectual e cognitivo dos estudantes. Mas, para que essa educação seja efetiva, a inteligência emocional da criança precisa ser trabalhada em outros espaços além da escola, e ninguém melhor do que a família para ajudar nisso!

Listamos abaixo alguns hábitos a serem incorporados na rotina familiar e que farão grande diferença na vida de todos, principalmente dos alunos. Continue a leitura!

“Para que essa educação seja efetiva, a inteligência emocional da criança precisa ser trabalhada em outros espaços além da escola.”



IMPULSIONAR O AUTOCONHECIMENTO

Aqui, o primordial é estabelecer relações de diálogo, escuta e confiança. É muito difícil conseguir reconhecer e identificar sozinho as próprias emoções e pensamentos. Por essa razão, conversar com seus filhos pode colaborar para que eles compreendam seus próprios sentimentos e não se deixem dominar por eles.

Ter consciência sobre nossos pontos fortes e nossas limitações também ajuda muito em nosso desenvolvimento emocional. Sendo assim, teça elogios à criança quando sentir que deve; faça com que ela enxergue seus reais talentos e capacidades, encorajando seus planos e sonhos. Apesar de singelas, essas atitudes vão ajudando a construir, pouco a pouco, uma confiança maior em si.

Saber aceitar críticas também é uma competência essencial; nesse processo, é preciso aprender a ouvir e, na sequência, avaliar se a crítica recebida é realmente construtiva e necessária. Dessa maneira, quem quer que a receba pode usá-la a seu favor, ou seja, usar as observações como uma espécie de bússola que indica o que precisa ser trabalhado e melhorado.



artigo

INVESTIR NA AUTONOMIA



Desenvolver a autonomia significa também fortalecer o senso de responsabilidade sobre as próprias ações. Um bom começo é incentivar o seu filho a tomar decisões, visto que isso despertará nele a necessidade de analisar a situação e assumir as consequências de suas escolhas.

Acompanhe o processo como um todo: desde a identificação e resolução do problema até a autoavaliação crítica dos resultados. Essa fase de ponderação é relevante para que ele perceba, sozinho, o que fez de "errado" e escolha um caminho diferente numa próxima oportunidade.

EXERCITAR O AUTOCONTROLE



Todos nós enfrentamos situações que servem como "gatilhos emocionais", isto é, acontecimentos que nos deixam felizes, tristes, nervosos, ansiosos, com vergonha ou com medo.

É importante orientar a criança a respirar fundo, refletir e descobrir o que exatamente a perturba. Esses são os primeiros passos para conseguirmos nos acalmar, equilibrar internamente e nos proteger contra fatores (pessoas, relações, contextos etc.) que agem negativamente sobre nós.

Exercitar o autocontrole significa diminuir nossa reatividade. Nem toda ação precisa, necessariamente, de uma reação contrária. Eduque os pequenos para serem resilientes e positivos frente aos desafios que a vida apresenta. Na maioria das vezes, essa é a melhor forma de superá-los!

PRATICAR A EMPATIA



Dado que as habilidades comportamentais intrapessoais não são opostas, mas sim complementares às interpessoais, importa desenvolvermos ambas! As primeiras referem-se à relação que a pessoa estabelece consigo (internas), as segundas, com os demais seres (externas).

Em todas as nossas atividades e processos, estamos relacionados a outros indivíduos. Mais do que conseguirmos nos colocar no lugar de outras pessoas em determinadas circunstâncias, desenvolver a empatia significa saber lidar com as diferenças, percebê-las e respeitá-las. Em outras palavras, devemos compreender que os indivíduos são diversos, pensam e agem de maneiras distintas e que, nem sempre, o comportamento do outro será condizente com o seu.

É fundamental que a empatia seja praticada diariamente dentro de casa. Todos podem buscar enxergar as reais necessidades, desejos e prazeres daqueles com quem convivem, ao invés de tentar encaixá-los dentro de suas próprias expectativas.

PROMOVER A SOCIABILIDADE



Proporcionar às crianças situações de convivência com diferentes grupos e pessoas é mais uma das formas de promover espontaneamente a educação socioemocional. Conviver com círculos de sociabilidade diversos auxilia no desenvolvimento de habilidades de comunicação e relacionamento.

Expressão clara e assertiva, firmeza nos valores, escuta ativa, vontade de cooperar, mediar conflitos, construção de argumentos sólidos são algumas das inúmeras competências adquiridas pelo simples fato de circular por distintos ambientes.



artigo



ENSINAR VALORES ÉTICOS

A ética está diretamente relacionada à consciência social e política. O indivíduo consciente socialmente é aquele que compreende que todos somos responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa e digna. Nesse tipo de formação, a família tem papel ainda mais primordial.

Não há maneira mais eficaz de ensinar os valores éticos aos filhos do que dando o exemplo! Sendo assim, procure avaliar também os seus posicionamentos, atitudes e opiniões. Você toma decisões pautadas no bem-estar comum ou tem como parâmetro apenas as satisfações individuais? Preocupa-se com os problemas da sociedade ou acredita que isso não é problema seu? Faça uma autoanálise honesta. Os valores dos adultos refletem, inevitavelmente, nas crianças. Ah, não deixe também de reforçar princípios como respeito e tolerância.

Conforme foi dito, quanto antes aprendermos a administrar nossas emoções e relações, melhor! A fase da primeira infância é aquela que apresenta maior potencial para o desenvolvimento das aptidões socioemocionais, pois esse é o momento em que o indivíduo começa a construir sua própria visão de mundo. Mas é claro que sempre é tempo para aprender, para substituir hábitos e comportamentos negativos por outros mais positivos e saudáveis, de modo a se desenvolver plenamente!

Mais do que uma metodologia de ensino, a educação socioemocional é uma preparação para a vida! Escolas e famílias têm a responsabilidade de voltar os olhos para as múltiplas dimensões da criança e formá-las como sujeitos integrais, que apresentam necessidades físicas, afetivas, psicológicas e intelectuais! Habilidades cognitivas certamente são muito importantes, mas sem a inteligência emocional, não garantem sucesso na vida adulta, muito menos satisfação pessoal e profissional!

Fonte: Escola da Inteligência

<http://escoladainteligencia.com.br/educacao-socioemocional-como-trabalhar-em-casa/>

Referências bibliográficas

10 habilidades emocionais que as crianças precisam desenvolver. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/10-habilidades-emocionais-que-as-criancas-precisam-desenvolver/>

Empatia, resiliência e tolerância: habilidades emocionais que devemos ensinar às crianças. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/empatia-resiliencia-e-tolerancia-habilidades-emocionais-que-devemos-ensinar-as-criancas/>

Habilidades socioemocionais - contextualização. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/acervo/habilidades-socioemocionais-contextualizacao/>

Habilidades socioemocionais: como elas impactam o futuro? Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/habilidades-socioemocionais-como-elas-impactam-no-futuro/>

Habilidades socioemocionais x mercado de trabalho: por que preparar as crianças hoje? Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/habilidades-socioemocionais-x-mercado-de-trabalho/>

Questões Conceituais e práticas. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/GELP/HABILIDADES-SOCIOEMOCIONAIS-QUEST%C3%95ES-CONCEITUAIS-E-PR%C3%81TICAS.pdf>

Prado, S. T. L.; Amoroso, S. R. B. A Inteligência Socioemocional e a Aprendizagem. Artigo Original disponível em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/e0d6b0d4fbdfcac0b56f3eec5ff98b31.pdf

Estanislau, G. M.; Bressan, R. A. (org.). Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber. Porto Alegre – Ed. Artmed, 2014.



GILSON CARDOSO
Psicólogo educacional

experiência



Relações internacionais

Alunas do Colégio Cristo Rei marcam presença em Simulações das Nações Unidas nas Universidades norte-americanas de Harvard e Yale

Em janeiro de 2019, alunas do Colégio Cristo Rei marcaram presença na YMUN e HMUN 2019 nos Estados Unidos. Mas afinal, o que são as Simulações Internacionais? Podemos afirmar que as simulações internacionais, também conhecidas por *Model United Nations* são eventos acadêmicos de simulação de organismos das Nações Unidas ou de outras organizações internacionais, como a OEA, Organização dos Estados Americanos. Alunos de Ensino Médio do mundo todo participam ativamente como diplomatas ou organizadores e percebem como é, na prática, ter a responsabilidade de tomada de decisões tão impactantes no mundo.

Conferências deste tipo ocorrem em vários lugares do mundo, estimando-se que existam mais de 400 simulações por ano. Os modelos são uma alternativa para o aprendizado tradicional, unindo prática à teoria das relações internacionais (ou política internacional), ensinando ações parlamentares e conceitos de civismo.

As habilidades enfatizadas durante todo o processo de preparação e participação nas Simulações envolvem oratória, diplomacia, negociação, liderança e muito conhecimento. Por meio das situações presenciadas, o aluno é estimulado a desenvolver valores e habilidades essenciais para a formação

“As habilidades de escrita formal também foram desenvolvidas, uma vez que dissertar sobre as discussões e protocolar as propostas eram parte da atividade de simulação.”



acadêmica completa, como foco e profissionalismo. Ao elevar a reflexão de sala de aula acerca dos temas de atualidades para um nível de discussão que preza pela qualidade e rigor acadêmico e científico, oferece-se ao aluno a oportunidade de envolver-se nas problemáticas atuais, conhecendo quais são as alternativas e soluções, assim como suas consequências.

Por meio de debates de organismos internacionais, os alunos realizam uma intensa pesquisa acadêmica acerca de conflitos e guerras históricas, investigando e entendendo crises e respostas humanitárias e trabalhando arduamente em busca de um consenso. Crescimento pessoal e acadêmico para todos os alunos participantes são perceptíveis, além de prepará-los para a entrada na jornada universitária e no mercado de trabalho, e de promover uma experiência humanitária e cidadã.

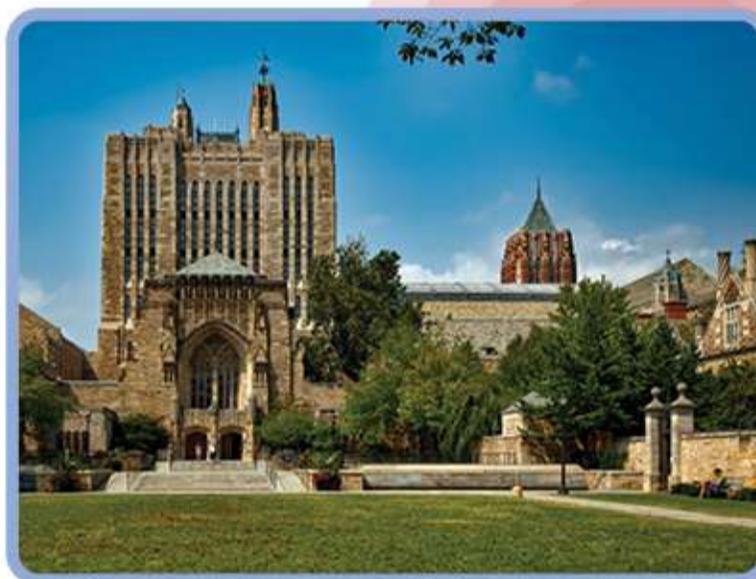


experiência

O que é YMUN?

A *YALE MODEL UNITED NATIONS*, ou seja, a Simulação das Nações Unidas da Universidade de Yale, aconteceu nas dependências da própria universidade. O campus histórico localizado em New Haven, Connecticut (USA) abrigou mais de 1500 alunos de Ensino Médio de diversas nacionalidades para discutir temas globais nas mesmas salas de aula que inspiraram presidentes e primeiros ministros do mundo todo. Foram quatro dias intensos de imersão, pesquisa, debates e muito conhecimento adquirido por nossas alunas. Ao interagirem com alunos de Ensino Médio do mundo todo, puderam compreender as diferentes culturas, a necessidade, as aspirações e os objetivos de cada país.

As alunas Giulia Portela Ormonde e Julia Berti Olea representaram diplomatas de Ghana e Nigéria, respectivamente, e precisaram estudar a política, economia e história de tais países para saberem se posicionar diante do comitê de discussão das crises e propor soluções viáveis e aceitáveis pela mesa diretiva, simulando uma reunião da ONU, real e impactante. As habilidades de escrita formal também foram desenvolvidas, uma vez que dissertar sobre as discussões e protocolar as propostas eram parte da atividade de simulação. Tudo com muito



Universidade de Yale New Haven, Connecticut (USA)

realismo e naturalidade. Os delegados, como os alunos são chamados, foram desafiados a pensar criticamente e atuar nos comitês ativamente. Os comitês foram meticulosamente preparados e mediados por alunos de Yale, onde os delegados foram levados a conhecer conflitos históricos e guerras, investigar crises humanitárias e trabalhar juntos em direção à sustentabilidade e à sobrevivência. Os alunos foram convidados a compartilhar seus diferentes pontos de vista, porém representando seus países com afincamento e garra.

Além da participação nos comitês, palestras com professores de Yale e *workshops* também fizeram parte da experiência vivida.

“Ao interagirem com alunos de Ensino Médio do mundo todo, puderam compreender as diferentes culturas, necessidade, aspirações e objetivos de cada país.”





experiência

E quanto a HMUN?

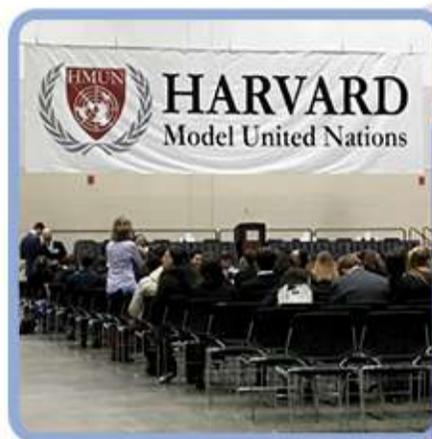
A *Harvard Model United Nations*, ou Simulação das Nações Unidas da Universidade de Harvard, aconteceu na cidade de Boston, Massachusetts (USA) e contou com a participação de quase 2000 alunos de Ensino Médio de diversos países. O evento trouxe a possibilidade de discussão viva e significativa acerca de temas delicados propostos pelos comitês.

O HMUN 2019 baseou-se em décadas de experiência. Em 1927, Harvard realizou seu primeiro modelo anual da Liga das Nações, seguido pelo primeiro modelo da conferência das Nações Unidas, em 1953.

O *Harvard Model United Nations* é uma simulação de relações internacionais de quatro dias para alunos do Ensino Médio, realizada anualmente. Na HMUN, os delegados obtêm informações sobre o funcionamento das Nações Unidas e a dinâmica das relações internacionais, assumindo o papel de líderes mundiais e tomadores de decisões internacionais. O HMUN foi uma excelente oportunidade para nossas jovens líderes debaterem as questões mais presentes do dia e elaborarem soluções inovadoras e criativas. Os participantes desenvolveram várias habilidades ao longo deste processo, como falar em público, negociar, trabalhar em equipe, liderar e elaborar políticas.

Fiel ao espírito das Nações Unidas, o HMUN se esforçou para promover um fórum construtivo para o diálogo aberto sobre uma série de questões complexas, incluindo paz e segurança internacionais e progresso econômico e social. Os delegados foram instigados a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor e de maneiras novas e ambiciosas. Qual é o propósito de organizações multilaterais como as Nações Unidas? O que eles podem conseguir? Como podemos equilibrar interesses nacionais com os interesses da comunidade internacional? Como podemos garantir que aqueles com poder o usem de forma responsável? O que os jovens podem fazer para afetar a mudança em suas próprias comunidades e no mundo em geral?

As alunas representaram a Eritreia, um país localizado no Chifre África, e puderam pesquisar, conhecer e defender interesses do país com base em seus estudos e propostas.



Universidade de Harvard, Boston, Massachusetts (USA)

O que trouxemos na bagagem?

Ao utilizar o idioma Inglês para discutir, propor, sugerir e argumentar, as alunas puderam sentir a necessidade da fluência e do constante aprimoramento das habilidades comunicativas.

A visita guiada ao Capitólio também fez parte do processo de aprendizagem e contribuiu para a compreensão da estrutura de governo norte-americano que impacta todos os outros países, direta ou indiretamente.

As alunas ainda puderam visitar e conhecer detalhes da sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova Iorque (USA), caminhar por corredores e salas de discussão onde diplomatas e líderes tomam importantes decisões e medidas, além de conhecer toda a estrutura desse tão importante Órgão. A visita a locais históricos e museus também contribuiu para que a viagem fosse inesquecível com amizades internacionais e nacionais que seguirão para vida toda.



MIDIAM CONRADO GOLINO

Coordenadora do Programa Cristo Rei Internacional

artigo



Roda de conversa

Uma proposta de diálogo no Ensino Fundamental

A roda é uma prática social onde há o encontro de várias pessoas. Quando remontamos a história e acompanhamos alguns movimentos humanos, podemos perceber que ela existe há muitos anos ao redor do mundo e fora organizada como uma das diversas possibilidades de reunir pessoas com o mesmo objetivo para a resolução de assuntos do interesse de todos. Tomemos como exemplo as reuniões dos Cavaleiros da Távola Redonda, da Organização das Nações Unidas e até as Rodas de Samba, como vemos hoje, indicando que há produção humana significativa no mundo contemporâneo.

Organizar-se em roda para conversar é um movimento ancestral muito sábio que diversos povos praticavam e mantêm até hoje para que os conflitos importantes de uma comunidade sejam resolvidos e que todos possam, juntos, aprender com determinadas situações. Neste formato de roda, sentados lado a lado, é possível que todos se olhem ao mesmo tempo, com respeito e paciência, esperarem a vez do outro falar e possam escutar, participando com sugestões, experiências e opiniões. A organização em roda favorece a comunicação e o convívio entre diversos grupos, e no ambiente escolar ela pode abrir um leque de opções bastante interessantes, envolvendo o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, onde o professor faz os encaminhamentos de sua ação pedagógica, visando à habilidade de compreender e de lidar com os mais diversos conflitos que surgem diariamente na relação com o outro.

“Se organizar em roda para conversar é um movimento ancestral muito sábio que diversos povos já praticavam e o mantêm até hoje para que os conflitos importantes de uma comunidade.”



Segundo Paulo Freire (1987, p. 78), "o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu". Em parceria com Freire (1987) conversar é uma forma sofisticada de comunicar-se oralmente em que muitas competências se apresentam: explicar, relatar, descrever, argumentar e principalmente, considerar o ponto de vista do outro. Assim, a roda de conversa pode ser configurada como:

[...] o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano, as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências (BRASIL, 1998, v. 3, p. 138)



artigo

Além disso, a prática da roda de conversa serve como um orientador das ações do professor e como um facilitador do trabalho pedagógico, oferecendo alternativas de contribuição para a construção da autonomia da criança, já que desperta sua curiosidade acerca do que fora discutido. Pensando nisso, é importante considerar que uma roda nunca será igual a outra porque o assunto em questão pode ser modificado ou ampliado durante a conversa, tal qual a vida real, realizando assim uma série de conexões. O professor, enquanto mediador, precisa acompanhar este processo, mas sempre respeitando o que parece desconectado, procurando fazer ligação com o assunto e envolver as crianças durante toda atividade. A sua forma é basicamente a mesma: alunos sentados em círculo, pois o mesmo permite uma ampla visualização de todos os alunos, o que a deixa mais participativa. A sua utilização pode se dar de diversas formas: apresentação de assuntos, instrução para atividades, construção e acompanhamento das regras, momento da novidade, e, inclusive, momento de mediação dos conflitos. Acredita-se que a roda de conversa vai "além de um bate-papo com a turma, é um momento de incentivo ao exercício da cida-



dania, da democracia, do exercício do ouvir e do outro ser ouvido por ele também" (SISTE apud CHIODO, 2004) Além disso, é o momento em que surgem as regras e os combinados da turma, que definidos em conjunto, garantem uma convivência bastante harmoniosa. Por esta questão, é um instrumento de extrema importância na gestão dos conflitos, pois se estimula o tempo todo o diálogo e as trocas. A roda de conversa pode ter diferentes visões, concepções e formas de desenvolvimento. Tudo depende da intencionalidade e da objetividade dada à ação.

“É importante considerar que uma roda nunca será igual a outra porque o assunto em questão pode ser modificado ou ampliado durante a conversa, tal qual a vida real, realizando assim uma série de conexões.”



artigo

Em nossa proposta, no Ensino Fundamental I, as rodas de conversas aparecem tanto em situações de resolução de conflitos, onde a tomada de decisões é feita coletivamente, quanto na imersão de novas propostas, envolvendo a partilha de narrativas, experiências e culturas. Ela é bastante presente em um projeto que engloba um plano de convivência anual, que de acordo com o perfil da sua turma, o professor consegue traçar metas ao longo do ano para que todos possam conviver de forma tranquila, agradável e saudável dentro e fora da sala, ou seja, no espaço escolar como um todo, e também aplicar em sua vida particular. Para esta proposta do plano de convivência, uma vez na semana a turma se reúne em roda, são apresentados aos alunos diversos materiais (previamente organizados pelo professor dentro de seu planejamento) como: livros de histórias, filmes, músicas, entre outros. Para que, por meio deste fio condutor, possa se agregar as mais variadas opiniões, os valores e as visões de um tema comum, permitindo que o assunto exposto seja resignificado e aprendido. Na resolução de conflitos rotineiros, como amigos discutindo por alguma situação conflituosa no lanche, na entrada, na saída e/ou na sala de aula, ela é bastante importante porque permite

“O professor consegue traçar metas ao longo do ano para que todos possam conviver de forma tranquila, agradável e saudável dentro e fora da sala.”

também uma cumplicidade com o adulto que está fazendo a mediação, trazendo uma aproximação bastante prazerosa para ambos e significativa para o aluno que, em diversos momentos, quer e precisa ser acolhido de forma coletiva e, muitas vezes, de forma individual, dependendo de sua necessidade. Assim, emerge um aspecto essencial para a formação do professor que é aprender a olhar para que o aluno seja acolhido em sua necessidade e em seus contextos específicos.





artigo

“Estar e participar da roda de conversa é uma importante oportunidade para conhecer a si mesmo, o colega, a professora, sua cidade, estado, país e mundo, possibilitando uma interlocução e fazendo real sentido aos seus participantes.”

Nesse sentido, o encontro em rodas de conversa é um momento de extrema importância pelas diferentes possibilidades que pode provocar, no todo e individualmente, nos sujeitos que nela participam. É um momento de percepção de si, do outro, do meio em que vive e do mundo e, também um, momento de produção das culturas infantis. A roda tem uma estrutura e regras de funcionamento de acordo com seu grupo, tudo é promovido para que ocorra de maneira organizada e saudável. Nesta perspectiva, podemos observar o quanto há de respeito e valorização em tudo o que é trazido para este encontro. As pessoas são convidadas a respeitar e valorizar a opinião do outro, contribuindo de forma efetiva para a constituição delas como sujeitos de sua própria vida e história. Estar e participar da roda de conversa é uma importante oportunidade para conhecer a si mesmo, o colega, a professora, sua cidade, estado, país e mundo, possibilitando uma interlocução e fazendo real sentido aos seus participantes.

Freinet (1991) é um dos autores que carrega a importância da escuta e da roda de conversa em sua pedagogia. Com ele é possível observar que é uma vivência totalmente voltada para a promoção da livre-expressão, refletindo como a criança enxerga o mundo em que vive e as relações pessoais as quais ela está inserida, promovendo assim várias aquisições em seu desenvolvimento e em sua aprendizagem, já que a criança está posta numa posição ativa como ser pensante e construtor do seu conhecimento, fazendo com que tenha um forte exemplo de respeito para com os outros, tanto dentro como fora da sala de aula.

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, vol. 3, 1997.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: . Acesso em abr. 2019.

FREIRE, M. (org.) Grupo: Indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. 3ª edição, São Paulo. Espaço Pedagógico, 2003 (Série Seminários).

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 1991.

FREINET, Celestin. As técnicas de Freinet na escola moderna. Lisboa, Estampa, 1975.

MICHELLE AMBRÓZIO DA CUNHA
Professora do 3º ano – Fundamental 1
Graduação em Pedagogia pela Universidade
de Marília
Pós graduação em Metodologia do Ensino
Superior pela Universidade de Marília
Pós graduação em Língua Portuguesa e
Literatura pela Faculdade Educacional da
Lapa-PR



artigo



Brincar é assunto sério

A contribuição das brincadeiras para o desenvolvimento infantil

Durante séculos, o ato de brincar, enquanto fenômeno, tem despertado o interesse de educadores, psicólogos, filósofos e outros profissionais que, desde sempre, tentam defini-lo, explicá-lo, compreendê-lo, e relacioná-lo com as atividades do indivíduo (CARVALHO, 2005).

Brincar é algo que, por ser tão natural e comum, pode parecer um simples ato. No entanto, é um fenômeno complexo, seja por manifestar-se de forma não homogênea nas diferentes épocas e culturas, uma atividade exclusiva da infância, o que não é, uma vez que o fenômeno também é recorrente entre adultos e outros animais não-humanos. Por isso, o ato deve ser considerado não apenas de forma isolada, mas, sobretudo, no contexto de desenvolvimento e formação do indivíduo (MACEDO, 2007). Dada a sua complexidade, estabelecer uma definição para o termo "brincar" é uma tarefa bastante difícil. Alguns estudiosos apresentaram as suas proposições, e na somatória de suas abordagens é possível ter uma visão amplificada, uma conjunção de percepções sobre o fenômeno.

Brincar é uma forma instintiva e livre de autoexpressão; uma prática instintiva, sem intencionalidade, de atividades que mais tarde serão essenciais para a vida; um tipo de jogo dirigido para a manutenção da alegria. Uma atividade altamente motivada, prazerosa e, em geral, livre de conflitos.

“Brincar é uma forma instintiva e livre de autoexpressão; uma prática instintiva, sem intencionalidade, de atividades que mais tarde serão essenciais para a vida.”



Faz-se necessário ter um novo olhar sobre o fazer docente em Educação Física, contrapondo os modelos que exploram o mecanicismo e o treinamento utilitarista para os esportes de um modelo mais adequado ao paradigma da prática social de intervenção, e que passa por novas abordagens como a da psicomotricidade, a construtivista, a crítico emancipatória, a dos PCNs, entre outras (DARIDO, 2008).

Os PCNs, (Parâmetros Curriculares Nacionais), como uma dessas novas abordagens, têm por meta a formação do indivíduo em sua plenitude, primando pela inclusão, seja do aluno com deficiência, seja do menos apto no aspecto físico ou motor. O eixo temático dos PCNs é a cultura corporal, pois aborda os conteúdos da Educação Física como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos (ALVES, 2011).



artigo

Ao brincar a criança ganha gradativamente maior confiança em si mesma e em suas capacidades, em situações sociais contribui para que ela seja capaz de julgar as inúmeras variáveis dentro das relações humanas e a conseguir a empatia dos outros. Induz as crianças a desenvolver percepções acerca de outras pessoas e a compreender as demandas nos dois sentidos: de expectativa e tolerância. Em muitas situações lúdicas existem oportunidades para a exploração de conceitos como o da liberdade e conduzem, com o tempo, a proporcionar caminhos em direção à independência (autonomia). Em um nível elementar, as brincadeiras contemplam situações onde se pode praticar destrezas físicas, mentais; repetindo-as tantas vezes quanto seja necessário para conseguir confiança e domínio. Ademais, permite uma oportunidade de explorar as próprias potencialidades e limitações (MOYLES, 1990).

A ausência dessa prática, priva a criança não somente de uma ampla gama de curiosidades, mas também a capacidade de saber como estruturar um nível mais elevado de realizar construções sequenciais facilitando a atenção, a concentração, a memorização e todos os requisitos para uma boa aprendizagem escolar; bem como permite que a criança desenvolva sua inteligência prática e habilidade manipulativa (CASTILLO, 2006).

“Quando se desperta e favorece a curiosidade investigativa, logo se inicia na criança o processo de aprendizagem em si.”





artigo



Os jogos também cumprem uma função motivadora. Há uma transferência positiva da motivação pelo jogo para as atividades escolares. Quando se desperta e favorece a curiosidade investigativa, logo se inicia na criança o processo de aprendizagem em si. A atuação do adulto em suas atividades cotidianas é semelhante ao modo que se comportava nos jogos durante a infância. A história de cada homem está marcada pelo desenvolvimento do jogo em sua infância, na qual o jogo constitui a principal atividade. A melhor preparação para o trabalho do mundo do adulto é ajudar a desenvolver condições adequadas do jogo na infância (CASTILLO, 2006). O jogo ainda é capaz de produzir situações-problema, onde a criança se vê na condição de lidar com diferentes pontos de vista, estabelece inúmeras relações e resolve conflitos (VELOSO et al., 2014).

Os alunos devem perceber que é possível aprender de forma lúdica, recreativa e divertida, tendo maior aprendizagem em relação aos conteúdos, bem como momentos de alegria, descontração, paixão e envolvimento pelas atividades lúdicas, que o jogo representa (SILVA et al., 2013).

Tais atividades devem ser desenvolvidas em um ambiente afetivo, seguro e agradável, e para que o jogo seja realmente educativo leva-se em conta os seguintes aspectos: ele tem que permitir o desenvolvimento global da criança enquanto se diverte; precisa representar um desafio à criança, mas um desafio que se possa superar (CASTILLO, 2006).



“A melhor preparação para o trabalho do mundo do adulto é ajudar a desenvolver condições adequadas do jogo na infância (CASTILLO, 2006).”



artigo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adulto, a criança, o idoso fazem parte das fases da vida – mais ou menos temporalmente delimitada – que compõe um todo: o Homem. Quando se educa uma criança, essencialmente o que se está fazendo é trabalhando no processo de construção do ser humano, que a cada elemento que se adiciona, se eleva um pouco mais à estatura da formação holística e ideal que se quer estabelecer.

Ao falar sobre o brincar, nos deparamos com uma dessas variáveis que quase nunca teve o seu devido valor reconhecido, como parte essencial da própria humanidade. A recente descoberta (ou reconhecimento) de sua relevância e importância não é apenas um ganho para a criança, mas para a espécie humana, uma vez que a criança que brinca hoje é o adulto que se projeta com as qualidades, habilidades, saberes e competências enquanto constrói através dos jogos e brincadeiras o ser que virá a ser.

Diante do exposto, percebe-se a importância imensurável do brincar para a criança na Educação Infantil. Brincar não é apenas importante, é substancial, essencial para o desenvolvimento pleno e saudável da espécie.

Referências bibliográficas

- ALVES, M. J. A educação física no contexto escolar. São Paulo: Paco, 2011.
- CARVALHO, A. M. et al. Brincar e educação: concepções e possibilidades. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, n. 2, 2005.
- CASTILLO, A. G. Didáctica básica de la educación infantil: conocer y comprender a los más pequeños. Madrid: Narcea, 2006.
- DARIDO, S. C. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- SILVA, J. L. S.; et al. Matemática lúdica: ensino fundamental e médio. *Educação em Foco*, n. 6, maio/2013, p. 26-36.
- MACEDO, L. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MOYLES, J. R. El juego en la educación infantil y primaria. Madrid: Morata, 1990. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=MUU5ROpjQoIC&lpg=PA6&hl=pt-BR&pg=PA6#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 29 set. 2015.
- VELOSO, A. L. B. et al. Os jogos como motivação nas aulas de Matemática. *Faculdades Integradas ASMEC de Ouro Fino Curso de Matemática*. 2014. Disponível em: <<http://asmecc.br/biblioteca/anais2010/072.pdf>> Acesso em: 29 set. 2018.

PROF. MS. CAMILO BUENO
Professor de Educação Física - CREF/SP: 042.174-G
Faixa Preta 4º Dan em Taekwondo
Mestre em Des. Humano e Tecnologia - UNESP
Membro da Academia Brasileira de Treinadores - COB



artigo



Ensino por investigação e cultura científica escolar



A educação escolar é estruturada a partir dos conhecimentos cientificamente construídos, independentemente da área: linguagens, humanas, ciências da natureza ou matemática. No processo de ensino, ocorre uma transposição didática de tais conhecimentos aos estudantes, por intermédio do professor, facilitando o processo de aprendizagem. E diversos métodos de ensino podem ser utilizados no intuito de promover a compreensão e a ressignificação contínua de conceitos acadêmicos pelos educandos, distanciando-os do mero senso comum a respeito das coisas, dos fenômenos, do mundo.

Atividades investigativas que explorem a curiosidade, criatividade, capacidade de fazer perguntas e de propor soluções a problemas, que abranjam as diferentes áreas do conhecimento, que associem de forma equilibrada aspectos teóricos e experimentais, e respeitem as particularidades de cada faixa etária dos estudantes, além de certamente favorecer uma formação científica sólida, contribuem para uma formação integral dos estudantes.

“E diversos métodos de ensino podem ser utilizados no intuito de promover a compreensão e a ressignificação contínua de conceitos acadêmicos.”



artigo

Educação CTS(A)

A dinâmica da vida em sociedade na atualidade exige uma educação científica e tecnológica que desenvolva a autonomia, a postura reflexiva-ativa diante de um mundo que mistura o real ao virtual e a responsabilidade em termos de sustentabilidade. Mas, é relevante esclarecer algumas noções: a ciência é entendida como atividade social, atrelada a aspectos ideológicos e políticos; a tecnologia não é entendida somente como aplicação da ciência, nem como artefato; e a sociedade é entendida como um grupo contextualizado histórica, espacial e culturalmente, mas que também é globalizado (von LINSINGEN, 2007). A imbricada inter-relação entre ciência, tecnologia e sociedade (e ambiente), uma vez que são interdependentes, construídas concomitantemente, precisa ser tratada de forma sistemática no ambiente escolar, principalmente para instrumentalizar os alunos para a tomada de decisão diante de temas/problemas sociais, culturais, políticos, econômicos, ecológicos, etc.

Mudança Conceitual

A construção e compreensão de conceitos acadêmicos, aqueles que decorrem do conhecimento científico e são passíveis de serem ensinados, envolve o rompimento em relação ao senso comum e um esforço constante para o aperfeiçoamento consciente de si próprio enquanto ser humano. A mudança de perfil conceitual (MORTIMER, 1996) corresponde à melhoria de nível cultural, "subir um degrau" na escada do conhecimento, e está em plena sintonia com a função social da escola. Muitas pessoas podem passar a vida toda acreditando que é o Sol que gira em torno da Terra, e não ter a oportunidade de uma mudança conceitual em direção ao conhecimento científico sobre o movimento dos planetas em torno do Sol, por exemplo. É interessante notar que esta concepção cientificamente adequada só pode ser elaborada a partir de determinada faixa etária, pois para alcançá-la, é necessária a capacidade de abstração, e não apenas concluir a partir da observação direta do movimento aparente do Sol durante o dia.



“A construção e compreensão de conceitos acadêmicos, aqueles que decorrem do conhecimento científico e são passíveis de serem ensinados, envolve o rompimento em relação ao senso comum.”



artigo

Desenvolvimento Humano

Existem diferentes teorias sobre o desenvolvimento humano que ajudam os profissionais da Educação a balizar suas ações didáticas. Dentre elas pode-se destacar a de Piaget (TERRA, 2019), a qual afirma que o ser humano passa por quatro estágios de desenvolvimento: o sensório motor (0 a 2 anos; o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos), o pré-operatório (2 a 7 anos; aparecimento na criança da função simbólica ou semiótica, emergência da linguagem), o de operações concretas (7 a 11 ou 12 anos; capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes), e o de operações formais (11 ou 12 anos em diante; a criança raciocina sobre hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos).

Até os 7 anos, fase de intenso crescimento físico e desenvolvimento da coordenação motora, é importante que a criança brinque bastante e manipule muitos materiais, percebendo sua textura, cor, tamanho, etc.; o mundo concreto precisa ser conhecido e explorado. Dos 7 aos 12 anos é importante evitar uma intelectualização precoce, o método de ensino pode partir da vivência dos fenômenos, com atributos criativos, sem explicações muito abstratas; a concretude do mundo ainda é necessária para a formação do pensamento da criança e os sentimentos possuem um papel regulador na aprendizagem. Por volta dos 12 anos, o adolescente adquire a capacidade de julgar e estabelecer relações de causa e consequência, algo que é de extrema importância para compreender os conceitos científicos; estão desenvolvidas as capacidades cognitivas para aprender assuntos mais abstratos, que remetem a um universo não perceptível, não visível a olho nu, por exemplo.

Considerando as etapas de desenvolvimento humano, fica evidente que o processo de ensino e, conseqüentemente, de mudança conceitual devem se inserir num caminho formativo que gradualmente vá incorporando aspectos teórico-abstratos, que permitam criar outros significados sobre o mundo concreto e experiências já vivenciadas, como forma de preparação para os desafios futuros.



BNCC e STE(A)M

A base nacional comum curricular (BNCC), que define as aprendizagens essenciais (habilidades) que crianças e jovens precisam desenvolver durante a educação básica, preconiza a adequação à faixa etária e às etapas de desenvolvimento humano. Dentre as competências gerais que perpassam todas as áreas do conhecimento destaca-se:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas (BRASIL, 2017).



artigo

STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) é um movimento global que surgiu pela transformação de sistemas educacionais. O histórico inicial teve como contexto um desempenho considerado baixo pelo governo dos EUA no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), além do desinteresse dos estudantes por conta do modelo de ensino engessado (aula expositiva), distante da sua realidade. Tal movimento se propagou para outros países e é recente no Brasil, mas já conta com algumas escolas que adotam métodos de ensino diferenciados, como aprendizagem baseada em projetos ou desafios, que demanda maior participação dos alunos. Assim como na BNCC, o movimento STEM (ou STEAM, quando se inclui as Artes) entende o conhecimento curricular organizado por competências. Aliás, é possível notar claramente a influência das ideias do STEM (estrangeiro) na fundamentação da BNCC brasileira. As críticas ao STEM estão relacionadas: à visão determinista e neutra da ciência, sem considerar sua dimensão social e ética; à possível adoção de um modelo tecnicista de escola, que visa a preparar o indivíduo para o mercado de trabalho e atender as necessidades da economia (remete às noções de performance e competitividade); e à dificuldade de efetivar a transdisciplinaridade. Já os pontos positivos se referem: à utilização de tecnologias digitais (simuladores, aplicativos, programação, robótica) durante as aulas, o que fomenta a inovação dos processos educativos e aperfeiçoamento dos professores; e às práticas centradas na investigação, que envolvem reflexão, criatividade e construção de soluções pelos estudantes.

Com base nas diretrizes da BNCC e noções do STE(A)M, pode-se afirmar que há uma tendência educacional, nacional e global, que valoriza uma postura ativa e investigativa por parte dos educandos, currículos e métodos de ensino que contemplem atividades experimentais e a resolução de situações-problema, além do uso de recursos tecnológicos.

“Há uma tendência educacional, nacional e global, que valoriza uma postura ativa e investigativa por parte dos educandos.”



Alfabetização Científica e Ensino por Investigação

De acordo com a perspectiva denominada alfabetização científica, o ensino de Ciências, além de formar interessados em temas científicos ou pessoas para carreiras científicas, deve promover a compreensão da teoria (conhecimento construído através do método científico) por parte dos estudantes. Isso porque deter o conhecimento instrumentaliza, e é, sobretudo, uma condição para se posicionar criticamente em sociedade. Assim, o ensino de Ciências precisa atender a compreensão dos conceitos, a compreensão da natureza da ciência e o entendimento das inter-relações entre ciência, tecnologia, sociedade e o ambiente. Uma maneira de realizar tal ensino é a investigação de situações-problema. Posto o problema, algo que seja uma situação conflituosa para o estudante (com potencial para promover mudança de perfil conceitual), inicia-se a busca por soluções de forma similar ao método científico universitário, mas com adaptações ao contexto escolar. Um ciclo investigativo escolar, tal qual o método científico acadêmico,



artigo

envolve a elaboração de uma pergunta, ações manipulativas e intelectuais, reflexão sobre os resultados obtidos e construção de explicações. O ensino por investigação propicia ainda uma atividade argumentativa, o diálogo e a troca entre os pares, e novas interpretações (SCARPA; SASSERON; SILVA, 2017). A argumentação, por sua vez, faz parte do processo de construção do conhecimento científico e, juntamente à análise e à inferência, é relevante na formação do pensamento mais estruturado do educando.

Quando se tecem aproximações entre o ensino por investigação e o STE(A)M, se valoriza o(a):

- *Estímulo à projetos interdisciplinares, em busca de soluções para situações-problema, que se utilizem de ferramentas computacionais e de engenharia;*
- *Formação de estudantes com olhar sistêmico, capazes de tomar decisões pronta e assertivamente, assumindo riscos;*
- *Oportunidade de formação através do convívio, diálogo e troca de experiências, que exercita o quê/ como/quando falar/ouvir, bem como a habilidade argumentativa;*
- *Atitude investigativa ao se instrumentalizar para propor uma solução ou criar um projeto/protótipo.*

Adotar o ensino por investigação significa potencializar o papel do aluno, que tende a ser mais participativo na construção dos conceitos, e do professor, que passa a mediar a situação didática, fazendo intervenções, no sentido de ampliar a interação do aluno com o conhecimento. Aulas expositivas, centradas nas falas do professor e marcadas pela passividade dos estudantes diante do conhecimento apresentado, mas que não cria vínculo/significado, são postas em xeque pelo dinamismo da investigação em curso. Através desta há envolvimento do aluno com a situação-problema, aumento da interação aluno-aluno na busca por soluções (construção coletiva e dialogada dos conceitos) e atenção do professor às observações e hipóteses dos alunos para que possa dar suas contribuições e apontar caminhos/melhorias no processo de construção/mudança conceitual.



Cultura Científica Escolar

De acordo com Sasseron (2015), as salas de aula e laboratórios de ciências permitem que o trabalho e as relações entre alunos e professores ocorram, ao mesmo tempo que suas dimensões sociais e históricas influenciam como os conceitos são trabalhados e a maneira como as disciplinas escolares se relacionam com a área de conhecimento que representam, estabelecendo uma cultura escolar. De outra parte, considerando os aspectos sociais e históricos da ciência também é possível compreendê-la como uma cultura, uma vez que é um empreendimento humano e envolve relações entre pessoas, questões éticas e idiosincrasias. Assim, frente a temáticas decorrentes das inter-relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, o desenvolvimento de práticas escolares que contribuam para a formação de indivíduos com atitudes críticas, analíticas e propositivas pode acontecer no contexto de uma cultura híbrida. A cultura científica escolar pode conciliar normas e práticas de ambas as culturas, a escolar e a científica, através do ensino por investigação e desenvolvimento da argumentação enquanto habilidade do estudante.



artigo

Iniciação Científica Jr.

O ensino por investigação, no contexto de uma cultura científica escolar, alinha o projeto pedagógico e verticaliza o trabalho realizado desde os “pequenos” até os “grandes”. Respeitando as faixas etárias, é possível investir em determinadas habilidades a cada fase de desenvolvimento do estudante, para que seja formado em bases científicas sólidas e tenha pleno domínio de processos mentais e atitudinais relacionados à evolução de seu perfil conceitual. A transição suave e gradativa que vai se estabelecendo desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental, até chegar ao Ensino Médio, possibilita ter um estudante que seja capaz de fazer uma iniciação científica, que é uma experiência enriquecedora em termos de ampliação de conhecimento científico e preparação para um futuro desempenho profissional e acadêmico. Essa iniciação científica realizada por estudantes de Ensino Médio, conhecida como Iniciação Científica Jr., movimenta a escola para:

- Estabelecer parcerias com instituições de Ensino Superior e institutos de pesquisa;
- Estimular os estudantes a desenvolver pesquisas científicas sob orientação de professores (da escola e/ou da instituição parceira);
- Dar suporte para que sejam feitos trabalhos de conclusão em formato acadêmico (relatórios, artigos científicos, pôsteres, etc.);
- Inscrever tais trabalhos em eventos (feiras de ciências e congressos acadêmicos), para que sejam apresentados pelos alunos, aperfeiçoando sua capacidade comunicativa.



“O ensino por investigação, no contexto de uma cultura científica escolar, alinha o projeto pedagógico e verticaliza o trabalho realizado desde os “pequenos” até os “grandes”.”

A Iniciação Científica Jr. muitas vezes acaba estimulando o estudante a fazer determinada escolha profissional. As memórias das atividades experimentais, do espaço de estudo (laboratório, biblioteca, museu, observatório, etc.), das conversas com o professor-orientador, da dedicação para escrever e concluir o relatório da pesquisa de acordo com o rigor acadêmico, entre outras, criam pontes que se projetam para as intenções futuras, em que a realização pessoal e profissional é configurada não somente a partir do ingresso na universidade, mas está enraizada desde a vivência escolar. A consciência por parte do estudante, de que ele é responsável por alimentar aquilo que está latente e se desdobrará na versão futura de si mesmo, vai ao encontro das atividades e projetos escolares oportunizados, gerando uma ótima condição de aperfeiçoamento pessoal e acadêmico.



artigo

Pró-Ciência

Considerando a potencialidade da área de Ensino de Ciências e Tecnologia como meio para desenvolver habilidades e competências, assim como os expressivos resultados que vêm sendo obtidos pelo Colégio Cristo Rei nesse contexto, como em Olimpíadas Científicas e na Feira do Conhecimento, estabelece-se uma ocasião fértil à implantação de um programa que incentive a cultura científica escolar, valorize o espírito investigativo e, sobretudo, contribua para a formação integral dos estudantes, o Pró-Ciência - Programa de Educação Científica e Tecnológica.



Lucas Carrit, aluno do Colégio Cristo Rei, conquistou uma medalha de bronze na Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: ME, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: mar. 2019.

MORTIMER, E. F. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? *Investigações em Ensino de Ciências*, 1(1):20-39, 1996.

PUGLIESE, G. STEM: o movimento, as críticas e o que está em jogo. Disponível em: <<http://porvir.org/stem-o-movimento-as-criticas-e-o-que-esta-em-jogo/>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 17, n. especial, p. 49-67, 2015.

SCARPA, D. L.; SASSERON, L. H.; SILVA, M. B. da. O Ensino por Investigação e a Argumentação em Aulas de Ciências Naturais. *Tópicos Educacionais*, v. 23, n. 1, p. 7-27, 2017.

TERRA, M. R. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

von LINSINGEN, I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. *Ciência & Ensino (UNICAMP)*, v. 1, número especial, p. 01-16, 2007.



ROGÉRIO MELO DE SENA COSTA
Coordenador do Programa de Educação Científica e Tecnológica do Colégio Cristo Rei (Pró-Ciência)
Mestre em Educação Científica e Tecnológica (UFSC)

opinião



História: passado, futuro e presente

Um cientista político, Francis Fukuyama, escreveu no final dos anos 90 um livro cujo título é "The End of History and the Last Man" – O Fim da História e o Último Homem. O que Fukuyama pretendia com essa obra? Fukuyama, assim como qualquer outra pessoa, é a construção do seu tempo e talvez por isso, foi influenciado pela filosofia hegeliana e pelos grandes acontecimentos do século XX, desde a II Guerra Mundial até o seu subproduto, a Guerra Fria. Ao falar sobre "o Fim da História", Fukuyama pretendia mostrar a importância dos acontecimentos do século XX, sobre população mundial, e que um mundo construído após a queda do Muro de Berlim, em 1989, não teria a velha dialética da luta de classes que povoava a mentalidade de muitos historiadores e sociólogos dos séculos XIX e XX.

Em 1989, assisti, pela televisão, ao marco histórico-especial do fim do Socialismo da Alemanha Oriental. Naquela manhã de 09 de Novembro, com meus 14 anos, não tinha sequer ideia, do que aqueles acontecimentos representavam. Acredito que foi nesse momento que comecei a me interessar pelo estudo da História.

“De tudo que presenciei na vida acadêmica, lembro-me sempre do que disse o meu saudoso professor de História Antiga, Nazareth dos Reis, que "existem momentos que o passado se entrelaça com o presente nos preparando para o futuro".”



Na universidade, me deparei com várias disciplinas que abordavam teorias complexas e emolduradas de um saber engessado e determinista sobre a História, talvez por ser disléxico, foi difícil compreender a mensagem que os professores me passavam sempre, que a História é uma construção social e que entender esse processo me levaria a outro patamar de conhecimento historiográfico. De tudo que presenciei na vida acadêmica, lembro-me sempre do que disse o meu saudoso professor de História Antiga, Nazareth dos Reis, que "existem momentos que o passado se entrelaça com o presente nos preparando para o futuro". Refletindo sobre essa frase ao longo de minha formação, compreendi a responsabilidade de ser um historiador. Compreendi que não seria possível ensinar História de modo neutro. E para quem estiver lendo essa coluna, talvez surja a pergunta: Como um historiador pode ensinar História sem ser neutro? A minha resposta será algumas questões, como: É possível ser neutro frente à violência empregada na Colonização das Américas? É possível ser neutro frente ao trabalho escravo? É possível ser neutro frente aos campos de extermínio nazistas?



opinião

Segundo historiador Graham Greene, "os historiadores são pessoas que se interessam pelo futuro quando este já é passado." Essa frase expressa bem o ofício do historiador como um estudioso dos acontecimentos históricos. Le Goff, também dizia que o "pão" do historiador é revirar os "esqueletos" do passado. Os estudos sobre História e a relação entre passado, presente e futuro me fizeram visitar autores do meu curso de Mestrado da Unesp, como Bourdieu e Koselleck, autores que contribuíram para a minha formação. Para compreender a importância da História e qual o papel do professor de História, é necessário partir de um entendimento da história reflexiva, crítica, social e dos conceitos.

Para Pierre Bourdieu, temos que ter uma nova visão sociológica da historicidade. Devemos pensar a História de forma relacional, o que implica compreender a História através das relações sociais e das instituições que fizeram parte do processo do desenvolvimento humano.

Nossos anseios e euforia pela objetividade, talvez, consequência de uma sociedade globalizada, *fast food*, implica no nosso imediatismo quando queremos concluir sem ao menos olhar para a História de forma crítica. Ao considerar o estudo da História como algo relacional, abrimos o leque de possibilidades, de expectativas, que podem romper com o pronto, com o acabado, e com argumentos baseados no senso comum, no determinismo e no preconceito.

A construção da História se dá a partir das relações sociais e de instituições que moldam os objetos

“A construção das sociedades foi forjada através de relações sociais historicamente constituídas. Entender essa construção possibilitará ao aluno, estudante de História, uma nova visão de mundo.”

e pessoas. Ao abordar o fato histórico, podemos verificar suas nuances bem como as formas mais implícitas ou explícitas de delimitação. Quando ensinamos História, precisamos fazer a leitura relacional com o propósito de abordar o seu lado mais "insignificante", pelo menos para senso comum. O ensino de História precisa levar os alunos à criticidade como forma de desconstruir as ideias previamente impostas pela tradição e abrir a possibilidade de um estudo que o leve à compreensão, identificando as construções e reconstruções históricas. A partir desse princípio, o estudante de História passa a atribuir significados aos acontecimentos, àquilo que, por exclusão, se tem como insignificante. A falta de criticidade historiográfica impediu esse pensar relacional como propõe Bourdieu, pois o campo da construção do pensamento dito "moderno", não cedeu lugar a novas formas de pensar a História, além daquilo que seja considerado "cientificamente" correto para os tradicionalistas.

Dessa forma, para que a História atinja o propósito de compreensão do presente e projeção do futuro é preciso introduzir nas aulas, a dúvida metódica, possibilitando o questionamento do pré-construído, do pré-determinado, do pré-acabado, do pré-concebido como problema para ser estudado por uma História que entenda o protagonismo da sociedade e não apenas de um grande personagem histórico, assim, conscientizando o aluno de que ele participa ativamente do processo histórico e por isso precisa compreendê-lo para construir o seu futuro como cidadão atuante na sociedade. A construção das sociedades foi forjada através de relações sociais historicamente constituídas. Entender essa construção possibilitará ao aluno, estudante de História, uma nova visão de mundo.





opinião

A História Social e dos Conceitos

Aprender História, objetivando o propósito da conscientização, do protagonismo, projetando dessa forma o futuro, só será viável estudando e debatendo os conceitos construídos historicamente. Isso nos remeterá a uma reflexão contínua sobre a importância da semântica (Origem das palavras), do conceito aplicado nos diferentes tempos históricos, e dentro dessa abordagem encontra-se a ideia de que o conceito sempre sofre uma transformação de sentido, podendo até mesmo ser referendado, mistificado ou até marginalizado, de acordo com sua aplicabilidade no contexto histórico-social.

Para Koselleck é nesse aspecto semântico que reside as forças expressivas da história. Portanto, atentar para o caráter conceitual requer muito cuidado com as utilizações das palavras, por isso é preciso ir a fundo, através da desconstrução do senso comum que reveste os conceitos, principalmente aqueles que foram forjados há muito tempo.

Koselleck aborda a história dos conceitos como um "método especializado da crítica das fontes históricas", pois analisa e fundamenta-se nas expressões de conteúdo sócio-político, transcendendo a história do conceito, abordando uma história social por detrás dos conceitos. Os processos diacrônicos, não são compreendidos de forma contínua e cronológica, mas relacional.

Nessa perspectiva, a história dos conceitos coloca em análise a sobreposição dos significados em diferentes contextos históricos remetendo-nos para as possibilidades dos significados dos conceitos, confrontando-os, colocando-os à prova,

“Os fatos históricos estão correlacionados aos conceitos e, por isso, a história promove constantemente a sua reconstrução.”



refletindo sobre os fundamentos teóricos em questão. A história social dos conceitos viabiliza uma multiplicidade de abordagens, ajudando na compreensão do passado. A sociedade está impregnada de conceitos que, por sua vez, são abordados de forma sucinta, para não dizer generalizada e universalizada, porém sua análise remete a um entendimento estrutural da historicidade social.

Os fatos históricos estão correlacionados aos conceitos e, por isso, a história promove constantemente a sua reconstrução, portanto se sabe que a história não se repete da mesma forma, mas contém elementos que ajudam na reflexão sobre as experiências e expectativas históricas. Os elos entre passado e futuro se entrelaçam no presente, o que contribui para o questionamento entre passado e futuro no indivíduo do presente. Essa relação é indissociável no que tange ao trabalho do historiador, embora não haja uma repetição histórica, os elementos do passado influem na conjuntura presente como em um horizonte de expectativas. O objetivo, pelo menos, seria construir uma "nova história" sem cometer os mesmos erros do passado, porém isso é muito improvável porque a experiência em si é pré-condição de se livrar de erros semelhantes aos cometidos no passado, pois cada tempo é um tempo, mesmo que se carregue experiência vivida e apreendida o problema se coloca de uma nova forma.



opinião

Uma nova História

Estudar a História de forma relacional e conceitual requer a "dúvida metódica", rompendo com toda forma de interpretações superficiais, vazias e até mesmo mal intencionadas de construção "historiográfica". Pensar a História de forma relacional é manter a dúvida diante dos acontecimentos (fatos) históricos. Não é tarefa fácil para o historiador, porém é a possibilidade de romper com o determinismo de uma história partidária (nunca deve ser o objetivo de um historiador sério). Ao pensar de forma crítica, estamos indo além dos imediatismos, da solução fechada do problema, abrindo possibilidades de envolver os alunos nas aulas de História, através da conscientização e no prazer de se aprender essa disciplina.

A História nos ajuda a compreender o presente e projetar o futuro. Por isso torna-se necessário compreender a história social e a dos conceitos e como esses fenômenos da História estão relacionadas às estruturas institucionalizadas (algumas representadas pelo próprio Estado). É preciso mudar a forma de se estudar História com a inserção de desafios que estimulem a dúvida, a retórica dos alunos, auxiliando-os, dessa forma, metodologicamente. Quando o professor propõe a dúvida, ele desafia o estudante, e agindo como um mediador, ele permite o desenvolvimento do espírito investigativo. No entanto, isso deve ser feito de forma planejada e muito bem organizada para que não seja algo sem sentido, não atingindo os objetivos da aprendizagem. A Escola deve cultivar durante o Ensino Básico a ideia de uma História em que o aluno se veja protagonista e não como agente passivo do processo histórico. O estudante deve perceber que é possível construir uma sociedade melhor e projetar um "horizonte de perspectivas", além de ter uma expectativa de futuro, passando pela conscientização de sua aprendizagem e pela sua responsabilidade histórica e social.



Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. O poder simbólico. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001^a. Páginas 17 a 58 e 75 a 106.

KOSSELLECK, R. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto (PUC-Rio), 2006. Páginas 97 a 118 e 305 a 327.

PROFESSOR ESP. GILBERTO GUEDES DA SILVA JUNIOR
Formado em História pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) Especialista em História para Diversidade (UNESP) e História Afro-brasileira (USP): Mestrando em História Social e Política (UNESP)





Quase 200 anos dedicados à missão de educar

Rumo ao Bicentenário do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração

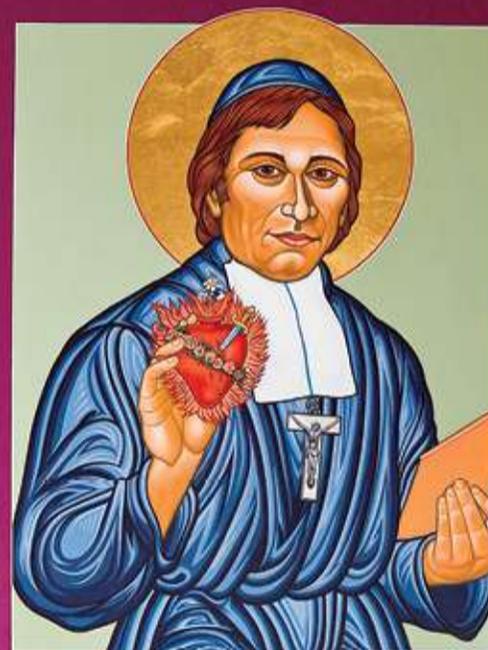
É com alegria e confiança que a Província do Brasil, juntamente com todo o Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração, presente em 31 países, nos cinco continentes, abre as comemorações para celebrarmos a vida do Pe. André Coindre, o Fundador da nossa Família Religiosa, a do cofundador Ir. Policarpo e a de todos os Irmãos que deram continuidade à Obra idealizada a partir da grande experiência que o Pe. André Coindre fez em sua vida através do Coração Amoroso de Jesus, que tanto amou que não ficou alheio ao abandono das crianças, adolescentes e jovens de Lyon, na França, no século XVIII e foi desbravador em suscitar em outros homens e mulheres de sua época a vocação de cuidar e educar para o bem da humanidade.

Assim tem seu início, a nossa história fundacional, repleta de entusiasmo e coragem do Fundador e dos primeiros Irmãos que eram educadores exímios que retiravam das ruas os meninos que ninguém gostaria de educar e, com toda certeza, iriam ser futuros jovens infratores e homens com uma má conduta para a sociedade.

O Pe. Coindre desenvolveu uma Pedagogia da Confiança, que se baseia no diálogo e na confiança no outro para que os processos de ensino e de aprendizagem ocorram de forma mais afetiva e efetiva. Para ele, todo jovem é capaz de ter uma vida digna, com condição de beneficiar-se de um tratamento positivo e uma ajuda adaptada. A propósito dos jovens detidos nas prisões de Lyon, que muitos de seus contemporâneos consideravam irreformáveis e que, pelo mesmo motivo, os centros



PADRE ANDRÉ COINDRE



IRMÃO POLICARPO

de aprendizagens se negavam a admitir, o Pe. Coindre, no seu Prospecto de 1818, diz: "Declarados culpáveis a uma idade na qual são mais promíscuos que ruins, mais tolerantes que incorrigíveis, era necessário não duvidar da possibilidade da sua mudança; havia que enchê-los de ajudas para formá-los no bem...".

Um segundo princípio fundamental se refere à proximidade. Por isso, não é de se estranhar que, muito ocupado nas missões, Pe. Coindre, em suas cartas ao Ir. Borja se referia a alguns jovens do Piedoso Socorro designando-os pelo seu nome. Assim o observamos como um homem de Deus que conhecia a quem cuidava. Nas "Notas de pregação" há um bom número de páginas relacionadas à educação. Trata-se de esboços e sermões ou de conferências dirigidas aos pais dando conselhos



sobre a relação com seus filhos. Em alguns casos, utilizava o temor como meio pedagógico: diríamos que o predicador pretendia assustar certos pais indignos ou inconscientes. O que fazia, finalmente, era retomar pensamentos habitualmente expressados por predicadores e moralistas daquela época. Mas, muito frequentemente, podemos observar grandes princípios pedagógicos que nos convém revisar. Pe. Coindre revela neles seu realismo e enorme sensatez. Este é o resumo textual:

"O tesouro de uma boa educação é a maior riqueza" (Ms 54, Arquivos Gerais dos Irmãos do Sagrado Coração, Roma-Itália).

- *É preciso buscar uma educação equilibrada: nem desleixo, nem severidade excessiva, nem aspereza, nem condescendência, nem adulações, nem humilhações;*
- *"Analisem suas tendências; adaptem-se ao seu caráter..." (Ms 57);*
- *"Fugir do favoritismo com uns em detrimento de outros por causa das boas qualidades físicas, mentais ou morais" (Ms 58c);*
- *Mostrar uma autoridade firme, mas cheia de bondade (Ms 60);*
- *Fazer-se querer não por pura complacência, mas sim para conseguir os objetivos da educação: "Desejam fazer-se querer?" Comecem por querer a vocês mesmos. Tenham com seus filhos, extrema bondade, doçura, ternura (...) e terão alcançado o meio mais poderoso para educá-los bem..." (Ms 60);*
- *"Recorrer a raciocinar com as crianças: expliquem sempre os motivos os quais lhes movem a mandá-lhes o que seja" (Ms 53);*
- *Ocupar as crianças: "Não deixem que seus filhos permaneçam numa pernicioso ociosidade (...). Mas não lhes sobre-carreguem exigindo esforços prematuros (...). Combinem a seus pequenos trabalhos com descansos e distrações" (Ms 51);*

“O Pe. Coindre desenvolveu uma Pedagogia da Confiança, que se baseia no diálogo e na confiança no outro para que os processos de ensino e de aprendizagem ocorram de forma mais afetiva e efetiva.”

- *Corrigir as crianças sem entusiasmo, sem raiva; corrigir, ou seja, endereçar os comportamentos desviados, mas não castigar (=praticar uma forma de vingança);*
- *"Evitem gritar e bater, pois esse é um sinal de que a educação é ruim" (Ms 52ª);*
- *"Em caso de erros leves, avisem seus filhos com tom de bondade e doçura. (...) Deem sempre a esperança de que se corrigirão os seus defeitos" (Ms 53);*
- *"Não tentem dobrar essa pequena planta, isso daria lugar a danificá-la ou quebrá-la" (Ms 52c);*
- *Formar as crianças com fé ilustrada: "Ensiná-los (...) a Jesus Cristo esperado no Antigo Testamento e reinante no Novo: isso se consegue a partir dos fatos". Às vezes, nos limitamos a umas poucas ideias confusas a respeito de Jesus Cristo, o Evangelho, a Igreja e a necessidade de submeter-se a sua autoridade infalível (...);*
- *Partindo de fatos históricos, apresentando uma bela Religião, amável, acolhedora, no lugar de apresentá-la triste e desumana. "Previnam contra a superstição: alguns pais apenas o tentam" (Ms 62).*



Rememorar a história dos fundadores do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração é contemplar uma vida dedicada ao amor, à vocação e a seguir o exemplo de Jesus. Para Pe. André Coindre e para Irmão Policarpo, a vocação era uma grande graça e foi por meio dela que eles formaram a primeira comunidade. A vocação provém de Deus que nos atrai pelo coração, sentimento ou gosto; que nos seduz pelo espírito, isto é, pela iluminação, reflexão ou raciocínio.

E assim, seguiremos a história da Instituição rumo aos 200 anos de Fundação. A decisão de Padre Coindre em encontrar uma solução, o levou a tratar de colocar os jovens, como aprendizes em pequenas empresas ou em casas religiosas dedicadas à educação. Mas, como em todas as artes encontrou as portas fechadas e ele mesmo acabou criando uma Instituição: o Pio Socorro.

Para converter em realidade o projeto, foi necessário dispor de uma pequena equipe de educadores que cumprisse suas perspectivas: acolher os jovens que passassem por situações difíceis, instruí-los (também no aspecto religioso), ensinar um ofício que assegurasse seu futuro. Queria que a equipe de seculares – muito modesta a princípio (somente dois ou três integrantes) – estivesse tão bem motivada como ele. Não era uma comunidade, mas sim, um grupo unido. Este grupo, por outra parte, foi crescendo rapidamente à medida que os jovens eram



“Para converter em realidade o projeto, foi necessário dispor de uma pequena equipe de educadores que cumprisse suas perspectivas: acolher os jovens que passassem por situações difíceis, instruí-los (também no aspecto religioso), ensinar um ofício que assegurasse seu futuro.”

admitidos no Pio Socorro. Vão aumentando os números, (em pouco tempo passaram de cinco ou seis jovens a trinta). E esse crescimento acarretou também em uma mudança no leque de jovens acolhidos, porque logo se recebia e formava não somente os procedentes das prisões, mas também aos possíveis candidatos (como os que perambulam pelas ruas abandonados em seu destino, com risco de cair nos piores caos) e os órfãos ou os filhos de famílias muito pobres.

Assim, à ideia já existente orientada em direção ao futuro (a formação para o amanhã de antigos presos), acrescentou-se o objetivo da prevenção. Não somente ajudar os que saíram da prisão, mas também impedir que outros caíssem nela; não somente reeducar, como também, educar e proteger contra qualquer tipo de crime.

Vemos como seguiu ampliando o Carisma de Padre Coindre ao englobar todos os jovens em situação de desamparo.

A equipe de educadores, constituída por Padre Coindre, deveria acrescentar um lugar, ou seja, um edifício (Pio Socorro), um equipamento apropriado (entre outros elementos, as tecelagens); era preciso organizar o funcionamento da Instituição: regras consignadas, meios de avaliação e tantas outras coisas! Damos conta da magnitude que vai adquirindo o projeto inicial.

Finalmente, pensou num financiamento. O Fundador recorreu a numerosos benfeitores, que constituíram uma verdadeira associação de apoio, que não somente manteve a corrente da vida da obra, como também, participou ativamente nela: admissão de novos jovens, administração e funcionamento.



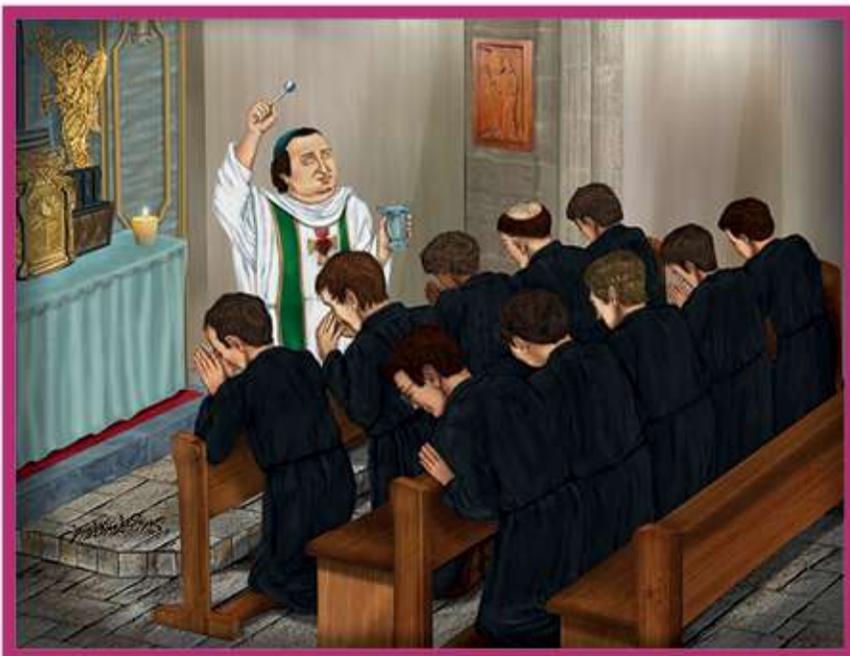
coluna

Ao chegar nesta fase de desenvolvimento do Carisma, observamos que a compaixão inicial, desenvolvida consideravelmente, deu origem a uma Instituição com todas as possibilidades e obrigações e que reuniu a seculares (equipe de educadores, subscritores) interessados numa obra comum.

A equipe de educadores seculares desaparecera mais tarde, sendo substituída por uma comunidade religiosa que seguiria relacionada com uma Família Religiosa, e que tinha algo há dizer na Instituição.

Por que se substituem os colaboradores por Religiosos? O Ir. Javier explica em suas Memórias. Com o crescimento do Pio Socorro, houve necessidade de recorrer por mais formadores e vigilantes. Não todos eles estavam motivados pelas mesmas razões que os primeiros. Além disso, logicamente, havia que designar um salário a eles, o que acreditava ser uma carga pesada para a Instituição.

Separadamente disso, Padre Coindre se sentia movido a recorrer a homens, não somente dedicados a uma atividade a favor dos jovens necessitados, mas sim que os consagrassem a vida inteira, e como consequência, que se consagrassem a Deus. Deste modo, o serviço aos jovens apresentou uma relação com Deus por meio de uma vida especial que recebeu o nome de Vida Consagrada. Vemos então, que o Carisma, depois de ter determinado e ampliado, também se aprofundou. É certo que manteve, não obstante, a associação de benfeitores com todas as prerrogativas.



Pode-se pensar que esse aprofundamento do Carisma vai unido ao aprofundamento da Vida Espiritual do Fundador, convidado pelo Espírito para contemplar cada vez com maior assiduidade a Jesus crucificado e a identificar-se com Ele. Não é casualidade que colocara aos Irmãos sob a evocação do Sagrado Coração de Jesus.

Também podemos imaginar que a constituição de uma comunidade de Irmãos permitia prestar mais atenção à formação dos jovens. A educação que se dava tinha maior alcance graças à evangelização.



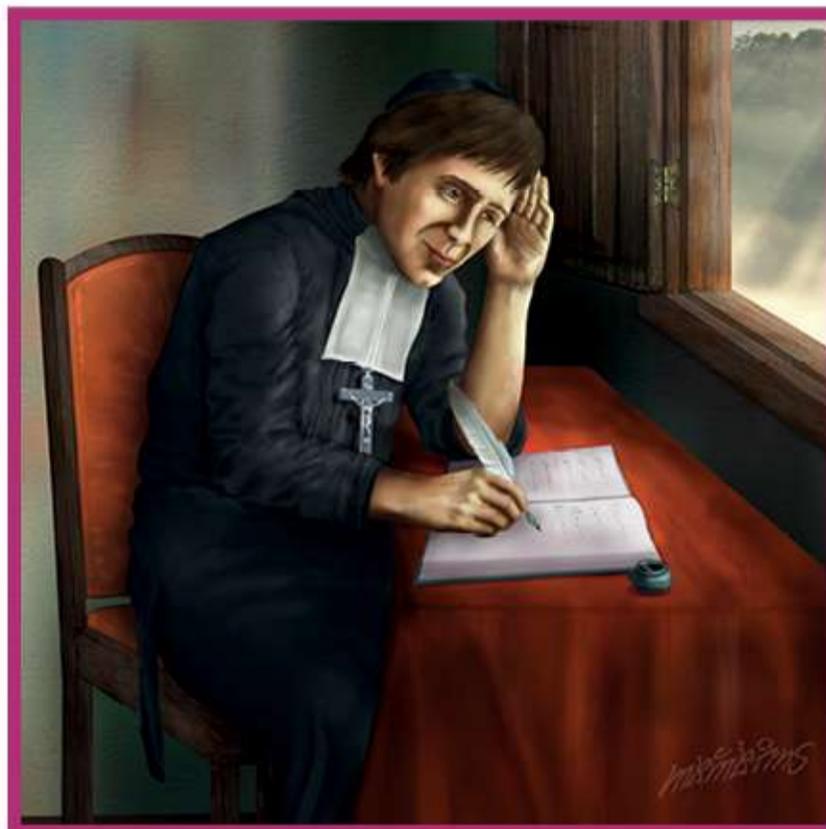
Ir. Policarpo

Cofundador

Nasceu em 21/08/1801, em La Motte, nos Alpes da França, Jean Hippolito Gondre, filho de Jean Joseph Gondre e Victoire Gonsolin. Foi uma criança saudável, amada por seus pais, estudou, foi coroinha, gostava de brincar de dar aula aos amigos e ler para eles. No verão, trabalhava no campo para ajudar a família. Ainda pequeno, sua mãe faleceu e isso marcou muito a sua vida. Logo em seguida, seu pai casou-se novamente e a segunda esposa cuidou dele como se fosse o filho dela, foi o pai que o ensinou a rezar o Santo Rosário, e a família tinha o hábito de rezar todas as noites juntos.

Jean continuou a estudar e, sempre empenhado, se tornou professor, e em 1822, fundou uma Escola simples no vilarejo em que morava. Trabalhou durante 5 anos, foi admirado pelo seu povoado e ajudou a alfabetizar muitas crianças, adolescentes e jovens.

Havia um amigo dele que tinha ingressado para o Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração e este saiu de férias, fez uma visita ao Jean e falou sobre a vida de religioso educador. Ele se interessou a conhecer, conversou com a família e esta abençoou a sua decisão e aos 26 anos ingressou no noviciado em Lyon, no Instituto. Fazendo o noviciado, ainda foi professor de 40 órfãos que estavam no Piedoso Socorro. Ainda sendo



noviço, em 1828, passou a ser mestre de outros noviços e no dia 21 de setembro de 1829, professou os primeiros votos. Em 1830 partiu para Vals, junto com dois noviços e foi professor no colégio anexo ao noviciado. Ensinou para todos os Irmãos como educador a demonstrar sempre o respeito, a disciplina, a gentileza e era admirado pelos Irmãos e alunos.

Em 1840 foi nomeado primeiro Assistente pelo Padre Vincent e com 40 anos foi nomeado Superior Geral do Instituto, sua administração ficou conhecida como a Era de Ouro.

Em 1846, reorganizou a Regra de Vida do Instituto, deixando essa Família Religiosa cada vez mais voltada a uma vida de oração e contemplação ao Sagrado Coração de Jesus, a uma Vida Comunitária fortalecida entre os Irmãos e um apostolado voltado à educação, com a presença dos Irmãos nas Escolas. Em 1859, o Ir. Policarpo, com 57 anos, 4 meses e 20 dias faleceu na comunidade, sendo amparado pelos Irmãos.

Esse desejo de Pe. Andre Coindre, Ir. Policarpo e os primeiros Irmãos continua avante em cada parte que se encontra um Irmão do Sagrado Coração em um Colégio, uma Escola, uma Obra Social ou uma Paróquia.



coluna



Ir. Elton Lopes, SC – Diretor Geral e Ir. José Roberto de Carvalho, SC – Diretor Administrativo, Colégio Cristo Rei - Marília/SP.

Ir. Felipe Paiva, SC – Diretor Geral, Escola Irmão Policarpo - Marília/SP

Destaco a presença no Colégio Cristo Rei. Há 60 anos gerações de Irmãos semeiam sonhos e esperanças para muitas famílias que depositam confiança no trabalho, na seriedade, na competência desses educadores exímios, para bem educar inúmeros alunos que passam pelo local. O Cristo Rei é uma obra educativa voltada ao desenvolvimento integral do ser humano, respeitando sempre a sua individualidade, como desejou o Ir. Policarpo.

No passado, o Colégio contava com vários Irmãos que eram os coordenadores e professores. Hoje essa realidade não é mais possível e contamos com a ajuda e presença dos leigos colaboradores na missão de educar, dentro do Carisma do Instituto. Temos o Ir. Elton Lopes, SC – Diretor Geral e o Ir. José Roberto de Carvalho, SC – Diretor Administrativo. Que o Sagrado Coração de Jesus possa sempre iluminar cada Irmão, cada colaborador, cada familiar e cada aluno dessa obra.

A Escola Irmão Policarpo é a obra mais recente com 4 anos de fundação, respondendo a um pedido de um Capítulo Geral, realizado em Roma-Itália, de um ato concreto, de uma educa-

ção de qualidade para alunos em vulnerabilidade social. Isso foi possível a partir da organização administrativa da Província do Brasil. A obra atende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e lá se desenvolve uma educação de qualidade, respeitando, colocando os limites disciplinares e a gentileza como alicerces do convívio comunitário. Contamos também com uma equipe de leigos colaboradores que nos auxiliam como professores, coordenadores e o Ir. Felipe Paiva, SC – Diretor Geral. Todos zelam e cuidam de cada detalhe para que se possa sempre oferecer o melhor para cada aluno. Que o Imaculado Coração de Maria possa iluminar cada qual dessa obra sempre.



IR. FELIPE PAIVA, SC
Instituto dos Irmãos do
Sagrado Coração
Diretor da Escola Ir. Policarpo

resenhas

e sugestões



Sugestão de livro:

Comédias para se ler na escola

Luis Fernando Verissimo

Comédias para se ler na escola é uma seleção de crônicas bem humoradas de Luis Fernando Verissimo, apresentada pela escritora Ana Maria Machado. A coletânea reúne 35 narrativas curtas do autor, as quais retratam, por meio da ironia e dos deliciosos jogos linguísticos, característicos de Verissimo, episódios do cotidiano de pessoas comuns.

Como o título sugere, esse é um livro que foi pensado para os jovens leitores, dando destaque às situações de humor. Já em seu texto de abertura da obra, Ana Maria Machado considera: "Depois de ler este livro, duvido que algum jovem ainda seja capaz de dizer, sinceramente, que não curte ler. E, para não ficar achando que só gosta deste livro, que leia os outros do autor. Aposto que, em sua maioria, os novos leitores vão se viciar em livro e sair procurando outros textos, de outros autores. Com vontade de, um dia, chegar a escrever assim. Quem sabe?" A autora deve ter razão. Até hoje, não conheci sequer um jovem que tenha lido o livro e não tenha gostado.

As crônicas abordam os mais variados assuntos, desde os enganos curiosos que podem ocorrer entre todos nós, até as particularidades da Língua Portuguesa, como na crônica "Defenestração", em que Verissimo faz uma série de reflexões sobre os sentidos das palavras pouco comuns no nosso dia a dia: "Certas palavras têm o significado errado. Falácia, por exemplo, devia ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar falácias em todas as variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa Falácia Negra." (p. 59). Com esse tom coloquial, leve e elegante, o autor conquista até mesmo aqueles que não são adeptos da literatura. Vale lembrar que Comédias para se ler na escola está na lista de obras literárias para o vestibular da Universidade Estadual de Londrina (2019-2020).

Boa leitura!



Ficha Técnica

Autor: Luis Fernando Verissimo
Capa: Crama Design Estratégico
Nº de Páginas: 148
Formato: 15 x 23 cm
Acabamento: Brochura
Ano: 2001
Editora: Objetiva



LÍVIA MIGLIORINI
Professora de Redação do Colégio Cristo Rei

resenhas

e sugestões



Sugestão de livro:

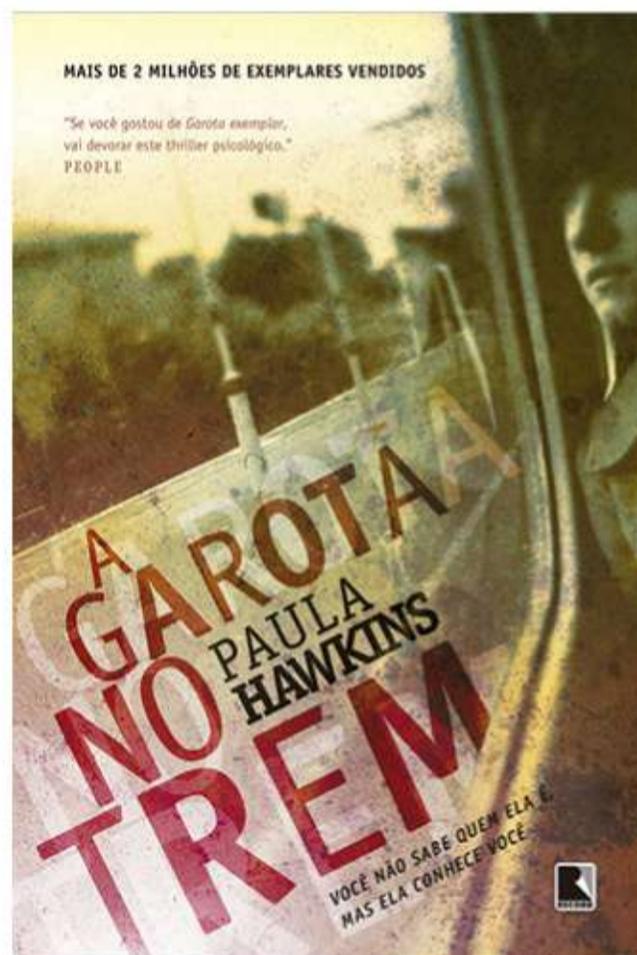
A Garota no Trem

Paula Hawkins

Todas as manhãs Rachel pega o trem das 8h04 de Ashbury para Londres. O arrastar trepidante pelos trilhos faz parte de sua rotina. O percurso, que ela conhece de cor, é um hipnotizante passeio de galpões, caixas d'água, pontes e aconchegantes casas.

Em determinado trecho, o trem para no sinal vermelho. E é de lá que Rachel observa diariamente a casa de número 15. Obcecada com seus belos habitantes – a quem chama de Jess e Jason –, Rachel é capaz de descrever o que imagina ser a vida perfeita do jovem casal. Até testemunhar uma cena chocante, segundos antes de o trem dar um solavanco e seguir viagem. Poucos dias depois, ela descobre que Jess – na verdade Megan – está desaparecida.

Sem conseguir se manter alheia à situação, ela vai à polícia e conta o que viu. E acaba não só participando diretamente do desenrolar dos acontecimentos, mas também da vida de todos os envolvidos.



Ficha Técnica

Autor: Paula Hawkins
Título original: The Girl on the Train
Tradução: Simone Campos
Nº de Páginas: 378
Formato: 16 x 23 cm
Acabamento: Brochura
Ano: 2015
Editora: Record



NINA CATINI LANZI
Aluna do 9º ano A do Colégio Cristo Rei

resenhas e sugestões



Sugestão de livro:

Escrevi isso para você:
poemas
Iain S. Thomas



Você sempre me diz que foi bom enquanto durou. Que as chamadas mais intensas são as que queimam mais rápido. Ou seja, você via em nós uma vela. E eu via em nós o sol.

Escrevi isso pra você é uma coletânea de poemas contemporâneos sobre os diversos momentos do amor: a paixão e o encantamento dos primeiros tempos, o lento afastamento, a solidão a dois, a dor do fim e a esperança de novos começos.

Reunindo cerca de 200 textos divididos em quatro partes – Sol, Lua, Estrelas, Chuva –, o poeta sul-africano Iain S. Thomas combina palavras profundas e intensas com fotografias frias e impessoais. O resultado é um livro que provoca uma explosão de sentimentos perturbadores e conflitantes, mas totalmente familiares a qualquer pessoa que já tenha amado e sofrido pelo menos uma vez.

Ficha Técnica

Autor: Iain S. Thomas
Título original: I WROTE THIS FOR YOU
Tradução: Ana Guadalupe
Nº de Páginas: 208
Formato: 14 x 21 cm
Acabamento: Brochura
Ano: 2018
Editora: Sextante

Sugestão de livro:

O Garoto do Cachecol Vermelho
Ana Beatriz Brandão



Melissa é uma garota linda, rica e mimada, que sempre consegue o que quer e tem todos na palma da mão. Ela acredita que a carreira de bailarina é a única coisa que realmente importa, porém suas certezas são abaladas quando faz uma aposta com um garoto misterioso, que parece ter como objetivo virar sua vida de cabeça para baixo. De repente, Melissa se vê dividida entre dois caminhos: realizar seu maior sonho, pelo qual batelhou a vida inteira, ou viver um grande amor. Mas, não importa aonde ela vá, todas as direções apontam para o garoto do cachecol vermelho...

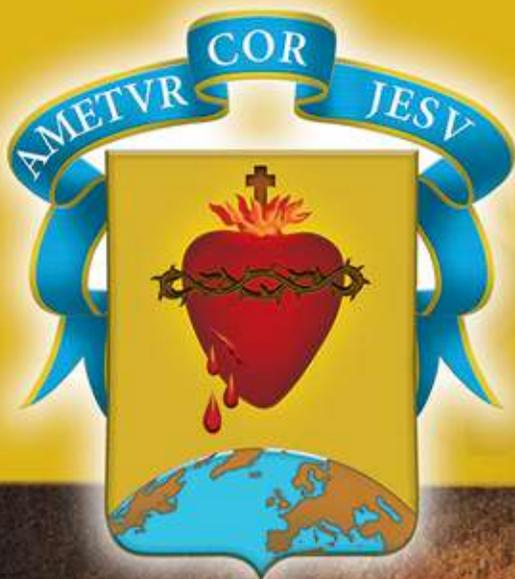
batelhou a vida inteira, ou viver um grande amor. Mas, não importa aonde ela vá, todas as direções apontam para o garoto do cachecol vermelho...

Ficha Técnica

Autor: Ana Beatriz Brandão
Capa: Idée Arte e Comunicação
Nº de Páginas: 294
Formato: 16 x 23 cm
Acabamento: Brochura
Ano: 2016
Editora: Verus



NINA CATINI LANZI
Aluna do 9º ano A do Colégio Cristo Rei



INSTITUTO DOS

IRMÃOS DO SAGRADO CORAÇÃO

MANTENEDORES DO COLÉGIO CRISTO REI

Nossa missão é crer, viver e propagar o amor de Deus junto aos jovens e crianças, na construção de uma sociedade justa, fraterna e feliz.



Jovem, chegou o tempo de sonhar,
projetar, topar e realizar o desafio.
O povo precisa de corações novos...
Junte-se a nós!

Endereços para contato:

MARÍLIA - SP
Rua Sergipe, 819
Bairro: Banzato
CEP: 17.515-200
(14) 3402-2399

SÃO PAULO - SP
Rua São Vicente de Paula, 364
3º andar - Bairro: Santa Cecília
CEP: 01.229-010
(11) 3662-6188

irsc.org.br | irscbrasil@hotmail.com

Revista inovar

